

## **A BANDEIRA BRASILEIRA SEM BRASIL**

### **UM ESTUDO HISTÓRICO PERCEPTUAL REFLEXIVO**

Ricardo Seyssel, Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Claudete Ribeiro

Área de concentração: Artes Visuais

O intuito do trabalho é trazer à discussão a problemática existente na Bandeira Nacional Brasileira, isto é, temos diversos erros na formatação do símbolo máximo da Nação, a possivelmente acarretar algo de negativo à população. Erros que foram sendo deixados de lado por todos esses anos, nos quais ela passou a representar este País. Desde sua instituição no dia 19 de novembro de 1889, quatro dias após a mudança de regime político, com a queda da monarquia e a ascensão ao poder do sistema republicano, esta configuração sofreu diversas críticas de personalidades ilustres, como: Santos Dumont, Osório Duque Estrada, Eduardo Prado, Sampaio Dória, Eurico de Goes, Quintino Bocaiúva, Sílvio Romero, entre outros. Os próprios marechais presidentes Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto foram opositores desta bandeira, que foi estigmatizada como sendo um pavilhão sectário ligado ao movimento positivista teorizado pelo francês Augusto Comte.

Ela foi adotada, como se nos apresenta até os dias atuais, por vontade e força de Benjamin Constant, mentor e artífice do golpe de estado que destituiu o Imperador Dom Pedro II do poder. O então tenente coronel Constant ligado profundamente à Igreja Positivista do Brasil, sendo assim, ardoroso defensor dos ideais comtianos no Brasil, impôs — de fato foi uma imposição — à população e a todos os membros do acontecimento, o ideário que até hoje vemos no 'lábano estrelado' refletido no lema: *Ordem e Progresso*, abreviação doutrinária positivista. Algo que passa despercebido, ou já não vem ao caso às pessoas em geral.

Mas o que tem uma bandeira com as práticas artísticas? Simples, além de ser um objeto estético-visual com intuídos simbólicos, políticos, religiosos, esportivos e filosóficos, entre outros..., as bandeiras brasileiras, tanto a imperial como a republicana, foram desenhadas por pintores: a imperial pelo francês Jean Baptiste Debret (1758-1848), e a republicana por Décio Vilares (1851 – 1931).

De forma abreviada, o pavilhão nacional atual desde o momento de sua instituição recebeu diversas críticas, sobretudo na configuração: forma, círculo central. Além do motivo já citado, porém um outro fator que provocou oposição, se deveu ao fato dela bandeira ser de difícil reprodução. É uma regra de bom senso,

logo forma, ou *Gestalt...*, que um símbolo pátrio deva ser de fácil representação, ao ponto de até uma criança poder reproduzi-lo sem muitos problemas, algo que não acontece com o atual representante dos brasileiros. Livros produzidos por órgãos oficiais vinculados ao Estado: *A Bandeira do Brasil: Raízes Histórico-Culturais*, de Raimundo Olavo Coimbra escrito para o IBGE (*Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*), como a publicação *A História dos Símbolos Nacionais: a bandeira, o brasão, o selo, o hino*, editado pelo Senado Federal; afirmam a necessidade desta norma utilizada pelas nações desenvolvidas do mundo, isto é, um símbolo sintético, de simples concepção.

Contudo o que vemos na Bandeira Brasileira é um estandarte que peca pela e com a complexidade, notadamente às constelações representativas dos estados da União, a inclinação da faixa branca e de especificações das cores oficiais. Basta notarmos em eventos oficiais, ou qualquer manifestação pública esportiva ou política, veremos uma enorme quantidade de bandeiras fora de padrão sendo agitadas pelos ares. O mais patético é vermos nestes próprios livros o 'pendão' sendo reproduzido de forma errada. Um grande absurdo! Que quase ninguém liga...

Entretanto, o que mais se torna um clamoroso equívoco no símbolo brasileiro, e que de alguma forma desencadeia todos os erros, é a inexistência do significado do nome 'Brasil' nela bandeira. Caso consultemos qualquer dicionário a palavra '*brasil*' veremos que este vocábulo tem por sinônimo a cor vermelha, algo não visualizado no atual estandarte. Este termo tem sua origem anterior ao descobrimento deste território pelos portugueses em 1500. Existem de fato diversas teorias de onde se originou, e em sua grande maioria ligadas à cromia *vermelha*. Por causa desse fato que a árvore que produzia, e ainda pode produzir..., — tanto uma boa madeira para a construção de embarcações, arcos para violinos, e principalmente pigmentos utilizados tanto para tingimento de tecidos, como o foi para o desenvolvimento das belas e delicadas iluminuras nos séculos XVI, XVII e início do XVIII; foi ela batizada de Pau-brasil ou Pau vermelho. Ou como os nativos chamavam: *ibirapitanga* (*Ybirá*: "pau" ou "árvore"; *pitanga*: "vermelho").

Mas de qualquer forma, estamos invadidos por estrangeirismos, queiramos ou não, ter na bandeira pátria um lema de um filósofo francês soa um pouco estranho. Apesar das regras para uma boa configuração de bandeiras ditar o não se utilizar frases em sua concepção; por que ao menos não ter uma frase de um brasileiro ilustre?

Os símbolos existem como orientadores e comunicadores de idéias e ideais, e a sua finalidade é estimular, agregar e conduzir indivíduos, grupos sociais ou a sociedade como um todo para um estado de atitude, harmonia e realização. Quando essas alegorias apresentam-se incoerentes, esses equívocos se propagam de alguma maneira pela sociedade, refletindo-se de forma negativa, com uma leitura errônea dentro do universo das linguagens visuais, uma 'analfabetização' visual.

Assim, batendo nesta tecla da inexistência representacional do vocábulo 'brasil' no Pavilhão Nacional, e que esse fato reflete na população, juntamente com os problemas formais contidos na atual bandeira brasileira, apontados pelo um dos mais afamados *designers* brasileiros, Alexander Wollner, do qual me utilizo como um farol demonstrador de que o erro de fato existe mesmo, não é um delírio banal tresloucado.

Por meio de informações bibliográficas de publicações por vezes encontradas somente em bibliotecas públicas como a do Museu Paulista (Museu do Ipiranga), onde foi possível ter contato com um livro raro como o escrito pelo jornalista e imortal fundador da Academia Brasileira de Letras, Eduardo Prado (1860 – 1901), que escreveu e foi publicado pós-morte em 1903: A Bandeira Nacional, livro no qual traça toda uma crítica à bandeira instituída pela Proclamação da República. Este mesmo Prado que serve de referencial a outro escritor e Diretor da Biblioteca Municipal de São Paulo, Eurico de Goes, que segue com a crítica com publicações de livros sobre o polêmico assunto. Com publicações também neste Museu.

Ao desenvolver um projeto de reforma da bandeira buscando justificar a necessidade da cor vermelha no pavilhão brasileiro, faço buscando todas as justificativas plausíveis em teóricos, uma forma de comprovação dos aspectos verdadeiros adotados na configuração apresentada. Evidentemente teóricos como Arnheim, Modesto Farina, Donis A. Dondis, Mário Pedrosa entre outros citados em referência bibliografia, fazem os acentos necessários à uma análise o mais próxima das evidências que busco apresentar, e creio ter chegado a um bom termo.

A utilização dos teóricos da Bauhaus através do pensamento das formas fundamentais da geometria, formas que são a estrutura do *balsão* projetado. Antes de qualquer coisa, a utilização da síntese, do sintético como forma de sinalização, transmissão, comunicação, diálogo no todo social, por ser antes de tudo um elemento social e socializante; signo desta possível sociedade civilizada e consciente. Consciência! Penso ser esta uma palavra a vir bem a calhar ao que me proponho: as informações estão no palco do mundo, hora nos alertam, hora nos

iludem, hora nos alegram, hora nos deprimem. O desenvolvimento de uma simbologia verdadeira, isto é, lógica, comprovável, direcionadora a um bem absoluto faz parte de uma condição correta de propagação aos caminhos do viver, deste modo ser um ser consciente deste e neste viver.

Queiramos ou não, o Estado está aí como um instrumento ao qual os habitantes de qualquer nação necessitam ter como um serviçal às demandas públicas: saúde; educação; segurança; atividades econômicas, físicas, esportivas e artísticas; manifestações estético-culturais, políticas sim, livres de peias sejam quais forem. Ele deve ser o mediador das atividades direcionadas às realizações individuais no coletivo, como um bem comum; quanto mais a organização da sociedade favorecer o desenvolvimento cultural todas os outros fatores acompanharão. É a cultura que gera a alma pública, a economia é decorrência. Pela cultura trazemos saúde social, urge à economia pagar as custas... Desta maneira este Estado deve ser representado por simbologias coerentes, educacionais e não doutrinárias ou dogmáticas; cultural e não *publicitaresca*.

Ao efetuar uma pesquisa de campo<sup>1</sup>, utilizando-me da 'grande rede', tive uma amostra do que pensam as pessoas de diferentes idades e profissões, referentes à bandeira nacional atual e a bandeira projeto. Algumas favoráveis à bandeira atual, outras contrárias; do mesmo modo que referentes ao projeto apresentado, algumas favoráveis e outras contrárias. Para o trabalho realizei também três entrevistas que me serviram de suporte ao tema e problemática; com pessoas, as quais referendo no texto como forma de reafirmar e comprovar as idéias e fatos expostos, utilizando-as como pontos de atenção e citando-as como reforço e constatação às afirmações apresentadas.

Desta maneira creio ter chegado a um bom termo, ter me entusiasmado por achados surpreendentes, ter me irritado pelos erros constatados; me desesperançado por possíveis impossibilidades, enfim sendo um ser humano perante um estudo. Mas além de tudo esta comprovação é categórica: Se pau é pau, pedra é pedra, brasil é vermelho; isso não nos deveria causar estranhamento e nem desconforto. Enfim, somente é um mostrar o que as 'coisas' são de fato; nada mais positivista...

---

<sup>1</sup> [www.rickardo.com.br/pesquisa](http://www.rickardo.com.br/pesquisa)